

si só; a compreensão dessa atenção e o desejo de traçar-me claramente a natureza de minha própria existência, quase nunca me abandonaram. Tal doença secreta nos aparta das Letras, a despeito do fato de nelas ter origem.

"Mallarmé figura, contudo, em meu sistema privado, como o representante da arte mais consumada, como a fase mais alta das supremas ambições literárias. Num sentido profundo, eu tinha sua mente por companhia e nutria a esperança de que, a despeito da diferença em nossas idades e a imensa disparidade de nossos dons, haveria de chegar o dia em que eu não recesse submeter-lhe minhas dificuldades e idéias próprias. Não, de modo algum, que ele me intimidasse, pois ninguém jamais foi tão afável e encantadoramente simples do que ele; mas eu sentia, àquele tempo, uma espécie de contraste entre a prática da Literatura e a busca de um certo rigor e de completa sinceridade intelectual. A questão era infinitamente delicada. Deveria eu tentar induzir Mallarmé e discuti-la? Eu lhe tinha grande estima e o prezava mais do que a ninguém; eu havia, porém, renunciado à adoração daquilo que ele adorara a vida inteira e por que sacrificara tudo, e não podia persuadir-me a deixá-lo saber disso.

"Eu não lograva, entretanto, ver homenagem mais genuína do que submeter meu pensamento à sua consideração e mostrar-lhe o quanto suas pesquisas, e a requintada e precisa análise de que se originavam, tinham transformado, a meus olhos, o problema literário, levando-me a desistir do jogo. O caso era que os esforços de Mallarmé, diametralmente opostos às doutrinas e objetivos de seus contemporâneos, tendiam a ordenar todo o domínio das Letras pela consideração geral das formas. É ao extremo singular que, por meio do estudo exaustivo de sua arte e sem nenhuma educação científica, ele tivesse chegado a uma concepção tão abstrata e tão próxima das mais abstrusas espelulações de certas ciências. Mallarmé jamais discutiu suas idéias, a não ser figurativamente. Explicar algo de modo explícito, era-lhe estranhamente repugnante. Sua profissão, que ele detestava, tinha parte de culpa nessa aversão. Mas, ao tentar recapitular para mim mesmo suas tendências, eu me permitia formulá-las à minha maneira. A literatura comum parecia-me comparável a uma *aritmética*, isto é, a uma tentativa de obter resultados específicos, nos quais era difícil distinguir o princípio do exemplo: mas a espécie de literatura que ele havia concebido parecia-me análoga a uma *álgebra*, pois avocava a si a intenção de salientar, conservar e desenvolver as formas de que a linguagem é capaz.

"Mas desde o momento, disse comigo, em que um princípio seja reconhecido e compreendido por alguém, é perfeitamente inútil perder tempo aplicando-o. (...)

"O dia por que eu esperava jamais chegou."

Mallarmé morreu em 1898. Paul Valéry já havia passado por uma crise pessoal de que resultara ele deixar de escrever versos. Essa crise moral e intelectual, conta-nos Valéry Larbaud, foi precipitada por um malogrado caso de amor. Durante noites de insônia, Valéry lutou com suas emoções: "A vontade foi rechaçada para seus domínios próprios, ensinada a pular obstáculos, quebrar ídolos, livrar-se, não importa a que custo, daquelas duas imposturas: literatura e sentimento. A crise suprema, a custosa vitória, ocorreu durante uma noite de tempestade — uma daquelas tempestades da costa da Ligúria (ele estava em Gênova), que não se fazem acompanhar de muita chuva, mas durante a qual os relâmpagos são tão freqüentes e brilhantes que dão a ilusão de dia pleno. A partir dessa noite, nenhuma das coisas que, até então, haviam constituído a vida do jovem, tiveram mais importância. Ele deixou Montpellier (onde estudara na universidade) e foi viver em Paris, onde poderia, quando quisesse, confinar-se na solidão e entregar-se àquela "penetração de si mesmo" que agora se tornara sua única preocupação".

Durante os vinte anos que se seguem, Valéry trabalha no Ministério da Guerra e na agência de notícias Havas, e não produz mais versos. O "estudo de si mesmo, por si só; a compreensão dessa atenção e o desejo de traçar-se claramente a natureza de sua própria existência" são a única coisa que o interessa agora. Durante esses anos, ele escreve a *Introdução ao Método de Leonardo da Vinci* e inventa seu personagem mitológico, M. Teste. Tanto Leonardo da Vinci quanto M. Teste (Sr. Cabeça, criação irmã do Messer Gaster, o Sr. Ventre, de Rabelais) são, para Valéry, símbolos do intelecto puro, da consciência humana voltada para si mesma. A mente de Leonardo, em si, é algo incomensuravelmente maior que qualquer de suas manifestações em campos específicos de atividade — pintura, literatura, engenharia ou estratégia. A ação embaraça e empobrece a mente. Pois, por si mesma, a mente está apta a lidar com um número infinito de possibilidades — não é coagida pelas limitações de um campo. Por si mesma, a mente é onipotente. E, conseqüentemente, o método, a teoria, de fazer algo, é mais interessante do que a coisa feita. Porque o método pode ser aplicado com amplitude muito maior; pode ser apli-